

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**Evelyn Wolf**

**DE JOGADORAS A TREINADORAS:  
Mulheres rompendo o teto de vidro**

Porto Alegre  
2017

**Evelyn Wolf**

**DE JOGADORAS A TREINADORAS:  
Mulheres rompendo o teto de vidro**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em  
Educação Física pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2017

**Evelyn Wolf**

**DE JOGADORAS A TREINADORAS:  
Mulheres rompendo o teto de vidro**

Conceito final:

Aprovado em ..... de .....de.....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ – UFRGS

---

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup> Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente a minha mãe, por sempre me apoiar.*

*Aos meus irmãos, Bianca e César, por estarem sempre ao meu lado.*

*As minhas dindas, Regina e Adriana, por sempre me ajudarem quando precisei.*

*A professora Silvana Vilodre Goellner, por ter me acolhido como orientanda e ajudado a tornar esse trabalho possível.*

*A Suelen Ramos por ter me ajudado na elaboração desse trabalho e por ter me aceitado como sua auxiliar no futsal feminino da UFRGS.*

*A Pamela Joras pelo auxílio na entrega do resumo desse trabalho.*

*Ao professor Alberto Monteiro que me proporcionou minha primeira oportunidade com o futebol, como auxiliar na equipe masculina da UFRGS.*

*Ao professor Vicente Molina por ter me oportunizado a chance de trabalhar como treinadora das equipes de futebol masculino e feminino da UFRGS.*

*Muito obrigada!*

## **RESUMO**

O futebol é um esporte praticado por milhões de pessoas em todo o mundo, e apesar de ter em suas raízes uma cultura masculina, as mulheres vêm ganhando espaço em seu âmbito, seja como torcedoras ou jogadoras. Uma forma em que a participação das mulheres ainda é pequena e cercada de muitos obstáculos é na função de treinadora. As mulheres vêm se preparando, fazendo os mesmos cursos que os homens fazem para a função, tem experiência de anos como jogadoras, muitas inclusive como atletas da seleção, e mesmo assim elas enfrentam preconceitos e dúvidas de que podem fazer um bom trabalho. O futebol feminino vem crescendo mundialmente, onde as novas resoluções da FIFA e da Conmebol, de registrar as mulheres no sistema de transferências e de colocar como obrigatório o clube ter um time feminino como pré-requisito para o time masculino disputar as competições, vêm para ajudar nessa evolução. A baixa quantidade de estudos sobre o tema, a minha experiência como treinadora de futebol das equipes da UFRGS e vontade de descobrir sobre a transição de atleta para treinadora motivaram a realização desse trabalho. Tendo como objetivo identificar como é a transição de jogadora a treinadora, sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, se utilizando de entrevistas e depoimentos de ex-atletas que viraram treinadoras. Constatamos que para as ex-atletas analisadas nesse trabalho a transição aconteceu de forma natural, tendo ajudado o fato delas terem obtido sucesso na carreira de jogadora.

Palavras-chaves: Futebol. Mulheres. Treinadoras

## **ABSTRACT**

Football is a sport practiced by millions of people all over the world, and despite having a male culture at its roots, women have been gaining space in their field, whether as fan or a female player. One way in which women's participation is still small and surrounded by many obstacles is in the role of coach. Women have been training, doing the same courses that men do for the job, have years of experience as a player, many of them even as athletes of the national team, and yet they face prejudices and doubts that they can do a good job. Women's football is growing worldwide, where new FIFA and Conmebol resolutions, registering women in the transfer system and making it compulsory for the club to have a female team as a prerequisite for the men's team to compete, will help in this evolution. The low number of studies on the subject, my experience as a soccer coach of UFRGS teams and the desire to find out about the transition from athlete to coach motivated this work. Aiming to identify how is the transition from player to coach, being a qualitative research, using interviews and testimonies of ex-athletes who became coaches. We verified that for the former athletes analyzed in this work the transition happened naturally, and it helped them to have achieved success in the career of player.

Keywords: Football. Women. Coaches

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3 RESULTADOS.....</b>	<b>13</b>
3.1 As mulheres e o futebol.....	13
3.2 Mulheres no comando.....	20
3.3 Quebrando Barreiras.....	26
<b>4 DISCUSSÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>388</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte considerado de “massa”, do “povo”, onde a sua prática é simples, o sentimento de pertencimento aos times/clubes também contribuí para que ele seja praticado por milhões de pessoas no mundo todo. Ele chegou ao Brasil no século XIX e logo se tornou uma “febre” entre o povo brasileiro. Muitas pessoas ligadas ao futebol, como comentaristas, torcedores, treinadores, etc, se utilizam das frases, “Brasil é o país do futebol”, “a Inglaterra pode ter inventando, mas o Brasil aperfeiçoou”, para destacar a grandeza do país no esporte.

Segundo registro da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação), atualmente 221 países são afiliados, sendo esses, divididos em 6 confederações, tendo como base os continentes. São elas: CAF (Confederação Africana de Futebol), CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe), CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol), OFC (Confederação de Futebol da Oceania), AFC (Confederação Asiática de Futebol), UEFA (União das Federações Europeias de Futebol), podendo então disputar as competições organizadas pela entidade, sejam elas de clubes ou seleções.

Esses países são dispostos em um ranking, onde estar bem colocado tem algumas vantagens, como, por exemplo, ser “cabeça de chave” no Mundial. Se consultarmos o mesmo site e olharmos o ranking do futebol feminino, veremos que já não são mais 221 países e sim 177, mostrando que nem todos os países possuem uma seleção de mulheres. Também veremos que algumas seleções estão sem atividade há mais de 18 meses, como, por exemplo, Argentina, Paraguai, Equador e Porto Rico.

O ultimo censo realizado mundialmente pela FIFA foi feito em 2006; nele 207 países associados responderam perguntas sobre a quantidade de jogadores profissionais, jogadores maiores de 18 anos inscritos, menores de 18 anos inscritos, jogadores de futsal, de futebol de areia, jogadores ocasionais, árbitros e funcionários, todos estes critérios divididos entre homens e mulheres. O resultado foi um total de 265 milhões de jogadores e jogadoras, 5 milhões entre árbitros e funcionários, totalizando 270 milhões de pessoas envolvidas diretamente no futebol, representando 4% da população mundial na época.



Ser mulher e querer estar envolvida no meio esportivo nunca foi fácil, no começo das práticas esportivas as mulheres não podiam nem assistir as competições, participar em qualquer forma não era permitido, quando elas se envolviam não era registrado. Na metade do século XX as mulheres começam a se aproximar do esporte competitivo e nas décadas de 50/60 passam a ocupar um pedaço desse território (RUBIO & SIMÕES, 1999).

Nesse mesmo estudo os autores indicam que o modelo de sociedade patriarcal em que vivemos faz com que esses valores sejam transportados para o esporte. Essa representação considera a mulher uma usurpadora ou profanadora de um espaço de uso masculino, onde o esporte representa características consideradas viris, como força, determinação, resistência e busca dos limites. (RUBIO & SIMÕES, 1999)

Se uma mulher não podia nem assistir a um jogo, imaginem ela querer jogar futebol. No esporte de alto rendimento ainda vemos um pouco a questão de que para um homem participar ele tem que ser forte e agressivo, precisando ser mais forte que uma mulher, ou será considerado “feminilizado”. O inverso ocorre com as mulheres, quando ela ser forte, principalmente mais forte que um homem, a fará ser considerada “masculinizada”. O esporte de alto rendimento ainda contribui para a ideologia de heterossexualidade como princípio organizador do esporte feminino. (RUBIO & SIMÕES, 1999)

As próprias mulheres têm ajudado nesse preconceito, por muitas acharem que os homens vão pensar que elas ficaram “masculinizadas”, por estarem jogando futebol, como demonstrado nas pesquisas de Souza (1991) e Furlan & Santos (2008) onde os autores nos trazem que, para as meninas jogar futebol fazia com que os meninos as considerassem masculinizadas e também passariam a ter medo de elas serem melhores que eles no jogo. Assim como também um pouco de receio por parte dos familiares que achavam que jogar futebol era coisa de homem.

Estamos ganhando espaço no meio esportivo, onde o número de mulheres envolvidas aumenta a cada ano, como vemos no documento do Comitê Olímpico Internacional (2016) onde nos Jogos Olímpicos de Paris em 1900 tivemos a participação como atletas de 22 mulheres, em Los Angeles, 1984 as mulheres representavam 23% dos participantes, atingindo o índice de 44% dos atletas em Londres, 2012. Mas se analisarmos o apoio dado a elas, ainda está muito abaixo dos homens. Para aparecer na mídia, por exemplo, uma seleção feminina tem que

ser campeã e de preferência que esse campeonato seja um mundial, já uma seleção masculina basta participar de qualquer jogo para que os jornalistas e a mídia especializada comentem sobre essa presença.

A questão financeira também é bem evidente. Enquanto um campeonato masculino recebe o apoio de patrocinadores, os campeonatos femininos lutam para conseguir algum, sem contar no valor da premiação, onde por exemplo o valor pago ao time campeão do campeonato brasileiro feminino de 2017 será de R\$ 120 mil, de acordo com notícia do site do jornal Estadão, sendo esse valor inferior ao recebido no ano de 2016 pelo 16º colocado na competição masculina, que de acordo com o mesmo site foi de 700 mil.

Uma boa exceção em relação a mídia é o vôlei, onde um sistema de disputa similar é utilizado para as competições masculinas e femininas, o mesmo espaço na mídia, onde os dois têm alguns jogos transmitidos, mas no quesito financeiro ele também deixa a desejar. Segundo reportagem publicada no site globoesporte<sup>1</sup> o valor pago ao Campeão da Liga Mundial de 2016, competição masculino, foi 5 vezes maior do que o valor pago a Campeã do Grand Prix, a competição equivalente feminina, sendo pago US\$ 1 milhão aos homens e US\$ 200 mil as mulheres.

O esporte sempre esteve presente na minha vida, principalmente o futsal e futebol, que pratico desde os 5 anos de idade. Minha preferência sempre foi pelo futebol, mas como nas escolas em que estudei na cidade de São Leopoldo, não tinha times ou escolinhas de futebol perto da minha casa, então eu acabei ficando no futsal. Quando me mudei para Triunfo passei a jogar como quase toda mulher começa: com os homens. Eu jogava no time da associação do bairro e nos campinhos com meus colegas de escola.

A ligação como o esporte me fez querer cursar Educação Física, por isso no segundo semestre de 2009 eu ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e nesse mesmo ano passei a jogar na equipe de futebol feminino da universidade. Naquele semestre disputamos apenas dois amistosos contra a equipe do Grêmio Football Porto Alegrense, tendo obtido uma vitória e uma derrota, mas devido à saída do treinador, e a dificuldade de se achar alguém disposto assumir a equipe, por conta de não ter bolsa paga pela universidade, no ano seguinte a equipe fechou.

---

<sup>1</sup> <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2016/07/titulo-do-gp-paga-5-vezes-menos-que-liga-mundial-sacanagem-diz-sheilla.html>

Devido a falta de campeonatos, principalmente universitários, que eram o foco da equipe, era difícil fazer com que as alunas tivessem interesse em treinar. Sem treinar o professor responsável não deixava a equipe ir jogar a Liga do Desporto Universitário, que por sermos a única equipe no estado a demonstrar interesse em jogar, tínhamos a vaga garantida, ficando nesse ciclo vicioso sem sair do lugar.

No segundo semestre de 2015, após ter realizado meu estágio curricular obrigatório, do curso de Educação Física - Bacharelado e ter também a experiência de ter trabalhado como auxiliar técnica durante três anos na equipe masculina da universidade, surgiu a oportunidade de eu assumir a mesma como treinadora.

Ser treinadora não é fácil, não importa o esporte que se treinará. Ser treinadora de um time masculino sendo mulher era um desafio ainda maior, por não saber como os atletas iriam se comportar recebendo instruções de uma mulher. No entanto na minha experiência foi muito tranquila a convivência, não tive nenhum problema em relação ao fato de ser mulher. Acredito que o fato de os atletas que faziam parte da equipe já me conhecer, já tinha tido a experiência de me ter como auxiliar, contribuiu para que nosso relacionamento fosse harmonioso. Durante aquele semestre tive uma experiência incrível e gratificante, dando os treinamentos e participando de uma competição universitária, a Copa Unisinos de 2015, onde acabamos ficando em 3º lugar no grupo, não passando para a fase seguinte da competição.

No ano seguinte resolvi reativar a equipe feminina, juntamente com os treinadores das equipes de futsal da UFRGS na época, Rafaela Cavalheiro e Jeferson Dickel, para podermos disputar a Liga Universitária Gaúcha de Futebol, que serviu como seletiva para a Copa Brasil Universitária de Futebol Feminino. Como uns 90% das nossas atletas também treinavam futsal e os dois campeonatos aconteceriam com um final de semana de diferença, conciliar os dois treinos foi complicado, fazendo com que disputássemos o campeonato de campo com poucas sessões de treinamento. Obtivemos o 2º lugar com a equipe feminina, participei como treinadora da equipe masculina também, ficando em 3º lugar.

A realização deste trabalho foi motivada por todos esses fatores, onde quero descobrir mais sobre essa transição de dentro dos gramados para fora deles. Porque olhando de fora, sem nunca ter me aprofundado muito em estudos, percebi que nos times, campeonatos e mídia, essa transição parece ser complicada para as

mulheres. Uma transição que muitas vezes parece ser quase que imediata para os homens, onde eles se aposentam como jogadores no final de uma temporada e na seguinte já estão dentro de comissões técnicas ou mesmo na função de treinador. Quero estudar como ela acontece para as mulheres tentando entender como esse processo aconteceu para algumas ex-atletas.

Para tanto esse trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro intitulado “As mulheres e o futebol” discorro sobre a participação das mulheres no futebol, passando para o capítulo “Mulheres no comando”, onde abordo a teoria do teto de vidro e a participação de algumas mulheres como treinadoras de equipes esportivas. No terceiro e último, intitulado “Quebrando as barreiras” apresento os depoimentos, entrevistas e notícias que tratam sobre mulheres como treinadoras de futebol.

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos relacionados à transição de algumas mulheres de jogadora para treinadora de futebol. Para tanto, recorro a uma revisão bibliográfica sobre o tema assim como a análise de algumas entrevistas e reportagens que relacionam mulheres treinadoras. Recorro ainda ao meu conhecimento empírico para desenvolver minhas considerações.

## **2 METODOLOGIA**

Por tratar-se de uma pesquisa de caráter qualitativa, com o objetivo de verificar como é a transição de jogadora a treinadora de futebol, foram utilizados depoimentos e entrevistas concedidas ao Centro de Memória do Esporte (CEME), reportagens de sites, artigos e capítulos de livros que tratavam sobre os assuntos mulheres no esporte, no futebol e como treinadoras.

Nesse trabalho utilizei as histórias relatadas nas entrevistas e depoimentos concedidos ao CEME, não tendo eu mesma realizado nenhuma delas. Também realizei uma busca por artigos no Portal Scielo e no Banco de Teses e Dissertações Capes, utilizando os termos mulheres treinadoras, mulheres no esporte e futebol feminino. Neles encontrei: um artigo que tratava sobre mulher no esporte, três artigos sobre futebol feminino e um artigo sobre mulheres como treinadoras, no Portal Scielo. Já no site da Capes, dois artigos sobre mulher no esporte, sete sobre futebol feminino e dois sobre mulheres como treinadoras, tendo também ocorrido que alguns textos se encontravam nos dois sites e/ou apareciam em mais de um termo utilizado na busca. Também procurei diretamente artigos pelo seu título, depois de o identificar como referência citada em publicações sobre a temática.

Além disso, realizei uma busca em sites reportam notícias esportivas a fim de verificar o que a mídia estava reportando sobre o assunto, sendo verificado os sites globoesporte.com, espn.com, cbf.com, fifa.com, conmebol.com, ludopédio.com, uol.com, entre outros.

Posterior à realização da coleta das informações, busquei identificar alguns temas de destaque, os quais compõe a parte analítica deste trabalho.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 AS MULHERES E O FUTEBOL

O futebol, segundo Franzini (2005), se caracterizou desde o seu início como um espaço masculino, seja dentro de campo ou na arquibancada. Isso vem gradativamente mudando, e as mulheres foram conquistando seus espaços a partir da década de 1980, depois da revogação da deliberação do Conselho Nacional de Desporto<sup>2</sup> que as proibia de praticar futebol, entre outros esportes. Com a revogação do Decreto, foram criados times femininos e alguns campeonatos. (GOELLNER, 2005). Mas muito ainda precisa mudar, como uma maior visibilidade na mídia e patrocínios, para que mais clubes possam ter time e também um maior número de campeonatos e valores de premiação iguais aos dos campeonatos masculinos.

No ano de 1995, foi realizada a segunda Copa do Mundo de Futebol Feminino, na Suécia, e o então secretário geral da entidade máxima do futebol, Joseph Blatter, afirmou que *“o futuro do futebol é o feminino. Estamos convencidos de que por volta de 2010 o futebol feminino será tão importante quanto o masculino”*. Ele virou presidente FIFA em 1998, e embora algumas coisas tenham acontecido para a evolução do futebol feminino, como a criação dos Campeonatos Mundiais de Seleções Sub-17 e Sub-20, não chegamos ao mesmo patamar em que se encontra o futebol masculino.

Podemos então dizer que a previsão feita pelo senhor Joseph Blatter não se concretizou, mesmo com ele assumindo a presidência da FIFA, tendo então meios e poder de ajudar na evolução. O que se viu de maior mudança foi a criação de dois novos campeonatos para as categorias de base, que antes só existiam no formato masculino.

Obviamente alguns países são exceções, como Estados Unidos e China, onde o futebol feminino é mais desenvolvido do que o masculino, possuem um número muito grande de praticantes, seleções mais bem colocadas no ranking<sup>3</sup> da FIFA e com maior destaque no cenário mundial. A Seleção Americana Feminina,

---

<sup>2</sup> Decreto-Lei 3.199 de abril de 1941, artigo 54.

<sup>3</sup> Seleção feminina EUA 1º lugar, Seleção masculina 24º lugar. Seleção feminina da China 13º lugar, seleção masculina 60º lugar.

por exemplo, já ganhou a Copa do Mundo em três edições, enquanto a masculina nunca chegou numa final.

No seu estudo, FRANZINI (2005) explicita que o futebol não é apenas um espaço esportivo, mas também sociocultural, onde os valores nele presentes e derivados estabelecem limites, que devem ser observados para a manutenção da “ordem”. Ou seja, ele foi criado para ser jogado e apreciado por homens; mulheres deveriam ficar fora do seu âmbito, sendo assim, a nossa inserção, seja como jogadoras, treinadoras, dirigentes ou torcedoras, causaria certo desequilíbrio a essa “ordem”, e é esse o fio norteador do preconceito contra as mulheres no futebol.

A mulher e o futebol feminino sempre estiveram à margem dos homens e o futebol masculino, quando se conta a história do futebol, ela é pouco ou nem sequer mencionada. Segundo FRANZINI (2005) duas menções ao futebol feminino merecem destaque: a primeira delas foi na obra do jornalista Thomaz Mazzoni, *Historia do Futebol Brasileiro*, em 1950, falando sobre o jogo disputado em 1940, entre São Paulo F.C. (SP) e América F.C.(RJ) onde o autor coloca que “*nesse jogo, como preliminar, foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a esse único jogo. Morreu logo o futebol de moças*”.(MAZZONI, 1950, p.289)

A outra menção é da década de 1990, feita pelo historiador José Sebastião Witter, numa nota de rodapé no texto *Breve História do Futebol Brasileiro*, escreve:

No Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros. (WITTER, 1996, P.21)

No governo do Presidente Getúlio Vargas as mulheres chegaram a ser proibidas pelo artigo 54 do Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que esteve em vigor até a década de 1970, de praticar esportes incompatíveis com a sua natureza. Também determinava que o Conselho Nacional de Desporto (CND), que na época era quem regulava e regulamentava o esporte no Brasil, colocasse as devidas instruções para as entidades esportivas do país: “*Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball*”. (Deliberação nº7-65 do CND, 1965).

Essas medidas aconteciam pelo fato de que o corpo feminino era considerado frágil, de que a prática desses esportes mais “brutos” poderiam resultar em traumatismos que afetariam o organismo feminino delicado e de importância vital, principalmente os órgãos de reprodução. Que com essas práticas, as mulheres acabariam tendo corpos masculinizados, não sendo mais femininas. Mostrando que o problema não era a prática do futebol, mas sim a mulher entrar num espaço considerado masculino.

Juntamente com isso, o temor de que as mulheres pudessem ser desonradas por praticar essas atividades físicas, e acabaram se mostrando fortes e capazes de obter sucesso nestas práticas, iria contra as leis da natureza, onde a mulher não seria mais o sexo frágil, onde o homem seria sempre o mais forte e capaz. (GOELLNER, 2005)

Nesse mesmo estudo, GOELLNER questiona o que seria a “masculinização da mulher” um dos temores da sociedade quando se trata de mulheres jogando futebol, rugby e lutas em geral. Ela coloca que vivemos numa sociedade em que as fronteiras de gênero estão constantemente borradas, então, o que seria tornar-se masculinizada ou ser feminina? Como podemos falar que alguém se torna um ou outro, e o mais importante de tudo, como dizer que qualquer um deles é errado, que é contra a natureza humana.

Essa discussão no futebol parece não ter um fim tão próximo, muitas pessoas estão mudando a sua visão sobre as mulheres nesse meio, mas ainda vemos muito preconceito contra elas por demonstrarem interesse à prática (BRUHNS, 2000). A jogadora brasileira Marta Vieira da Silva, por exemplo, precisou ganhar 5 vezes o prêmio de melhor jogadora do mundo para que a maioria dos brasileiros a reconhecesse como um ícone do futebol, sendo ela a primeira pessoa a atingir essa marca.

Com a presunção de que existe uma essência masculina e uma feminina considerada natural e imutável, e a sua oposição à concepção de que gênero é uma construção social, colocada que para cada um (masculino/feminino) existem diferenças significativas. Isso quer dizer que devemos fazer apenas atividades que não comprometam isso, por que do contrário iremos nos masculinizar. A ideia disso parte de que pessoas que não entendem a multiplicidade dos gêneros. (GOELLNER, 2005).



Com a inserção das mulheres no futebol, elas passaram a ter os corpos analisados mais do que a sua performance no jogo, onde o uso de calções mais curtos e camisas mais apertadas ressaltando suas curvas e seios passou a ser o padrão, onde uma jogadora boa, que ganha atenção é aquela que tem os melhores atributos físicos, não aquela que tem mais habilidades no futebol. Claro que não podemos generalizar o discurso, pois, temos pessoas no meio que não pensam e não agem dessa forma, mas ainda precisamos mudar muitas ideologias, como a do coordenador de futebol feminino da CBF Marco Aurélio Cunha, onde numa entrevista durante a Copa do Mundo de 2015 para o jornal canadense “The Globe and Mail” fez a seguinte declaração:

Agora as mulheres estão ficando mais bonitas, passando maquiagem. Elas vão a campo de uma maneira mais elegante. Futebol feminino costumava copiar o futebol masculino. Até nos modelos de camisa, que era masculino. Nós vestíamos as meninas como garotos. Então faltava o espírito de elegância, de feminilidade. Agora os shorts são mais curtos, os cabelos são bem feitos. Não são mulheres vestidas como homens. (MARCO AURÉLIO CUNHA, 2015, esporte.uol)

Um fato ligado a isso foi a edição de 2001 do “Paulistana”, o campeonato paulista para mulheres realizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF), onde KNIJNIK & VASCONCELLOS (2003) nos trazendo que para disputar o campeonato as jogadoras deveriam ter no máximo 23 anos e cabelos compridos. Tudo isso por causa da promessa da FPF de um campeonato bom e bonito, que unisse “futebol à feminilidade”. Onde mulheres com cabelos raspados e mais velhas não eram consideradas bonitas, portanto a sua participação iria contra a ideia deles para o campeonato.

As entidades de organização do futebol, como a Confederação Brasileira de Futebol e a Confederação Sul-Americana de Futebol, clubes e entidades esportivas vem trabalhando para mudar essa cultura e a estrutura do futebol feminino no Brasil e no mundo, criando normas e mudando a maneira que tratam e veem o esporte e as mulheres nele. Nessa direção aconteceu algo importante:

Visando o desenvolvimento do futebol feminino foi decidido em 2016 pela Conmebol, colocado em seu estatuto de regulamentação de licenças, que para que os clubes participem das competições masculinas realizadas pela mesma, com um período de adaptação de dois anos, ou seja, valendo oficialmente a partir de 2019,

precisariam ter times femininos, assim como também ter pelo menos uma categoria juvenil feminina. (conmebol.com, 2016)

A regra permite que o clube se associe a outra equipe que tenha o futebol feminino, mas deixa claro que em ambos os casos o time deverá promover o suporte técnico e todo o equipamento de infraestrutura, campo para os jogos e para treinos. Também exige a participação em campeonatos regionais e nacionais realizados pela confederação do país em que o clube solicitante da licença se encontra. Com isso, para poder participar da Copa Libertadores, por exemplo, os clubes precisam ter um time feminino participando das competições da CBF. No ano de 2017, dos 20 clubes que disputariam o Campeonato Brasileiro da série A, somente 7 tinham time feminino no mês de janeiro.

FIGURA: Capítulo 3, seção 10.4, artigo D.04

D. 04	<p><b>Equipo femenino</b></p> <p>El solicitante deberá tener un primer equipo femenino o asociarse a un club que posea el mismo. Además deberá tener por lo menos una categoría juvenil femenina o asociarse a un club que posea la misma. En ambos casos el solicitante deberá proveer de soporte técnico y toda la equipamiento e infraestructura (campo de juego para la disputa de partidos y de entrenamiento) necesarias para el desarrollo de ambos equipos en condiciones adecuadas. Finalmente, se exige que ambos equipos participen en competiciones nacionales y/o regionales autorizadas por la respectiva asociación miembro.</p>
-------	---

Creditos: Conmebol

A FIFA aprovou em uma reunião do Comitê Executivo uma resolução que determina que a partir de janeiro de 2018 todas as transferências internacionais do futebol feminino serão registradas no TMS (Transfer Match System) da entidade. Essa novidade só será válida para as jogadoras que possuem contrato profissional com o clube. Elas poderão ser emprestadas ou vendidas a outro clube, na mesma forma que acontece no futebol masculino, durante as janelas de transferências.

Essa notícia vem com esperança de que vá ajudar a contribuir no desenvolvimento do futebol feminino, por conta de um dos fatores de muitos clubes não terem o departamento feminino é a alegação de que não tem retorno financeiro, agora eles poderão negociar as jogadoras com clubes nacionais e internacionais, valorizando-as e gerando receita. Também tende a fazer com que um maior número

de jogadoras tenham contratos profissionais, porque somente essas poderão ser negociadas.

Para o diretor de futebol feminino da CBF, Marco Aurélio Cunha, as novas regras são uma ótima oportunidade para os clubes brasileiros montarem times femininos.

Se os dirigentes do futebol masculino não errarem em duas contratações por ano, isso paga um time de uma comissão técnica de bom nível de futebol feminino. A Fifa vai exigir isso de todos. Eu reconheço a dificuldade dos clubes, mas com 5% dos recursos do futebol masculino é possível montar um time feminino. (globoesporte.com, 2017)<sup>4</sup>

A diferença na quantidade de campeonatos organizados para os homens e os organizados para as mulheres é algo gritante, seja no âmbito nacional, sobre a chancela da CBF, na América com a Conmebol ou no cenário mundial com a FIFA. Seja em campeonatos disputados por clubes ou disputados por seleções. Inclusive a FIFA não tendo interesse em criar o Mundial de Clubes feminino, nem apoiando o International Women`s Club Championship, que era um campeonato realizado pela Associação de Futebol Japonesa. O quadro abaixo permite visualizar essa diferenciação

---

<sup>4</sup> <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>

TABELA 1: Campeonatos organizados pela CBF

Campeonatos Masculinos	Campeonatos Femininos
CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A	CAMPEONATO BRASILEIRO FEMININO A1
CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE B	CAMPEONATO BRASILEIRO FEMININO A2
CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE C	COPA DO BRASIL FEMININO (2012/2013/2014/2015/2016)
CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE D	
COPA DO BRASIL	
CAMPEONATO BRASILEIRO Sub-20	
COPA DO BRASIL Sub-20	
CAMPEONATO BRASILEIRO DE ASPIRANTES	
COPA DO BRASIL Sub-17	
COPA DO NORDESTE	
SUPERCOPA Sub-20	
COPA VERDE	
COPA DO NORDESTE Sub-20	
COPA DE SELEÇÕES ESTADUAIS Sub-20	

TABELA 2: Campeonatos organizados pela Conmebol

Campeonatos Masculinos	Campeonatos Femininos
COPA LIBERTADORES BRIDGESTONE	COPA LIBERTADORES FEMININA
COPA AMERICA	COPA AMERICA FEMININA
CONMEBOL SUDAMERICANA	SUL-AMERICANO FEMININO Sub-20
RECOPA SUL-AMERICANA	SUL-AMERICANO FEMININO Sub-17
SUL-AMERICANO Sub-20	
SUL-AMERICANO Sub-17	
SUL-AMERICANO Sub-15	

TABELA 3: Campeonatos organizados pela FIFA

Campeonatos Masculinos	Campeonatos Femininos
COPA DO MUNDO	COPA DO MUNDO
COPA DAS CONFEDERAÇÕES	COPA DO MUNDO Sub-20
COPA DO MUNDO Sub-20	COPA DO MUNDO Sub-17
COPA DO MUNDO Sub-17	OLIMPÍADAS
OLIMPÍADAS	OLIMPÍADAS DA JUVENTUDE
OLIMPÍADAS DA JUVENTUDE	
BLUE STARS/FIFA YOUTH CUP	
MUNDIAL DE CLUBES	

Apesar dos títulos da seleção brasileira de futebol feminino, nos jogos Pan-Americanos de 2003 (Santo Domingo), 2007 (Rio de Janeiro) e 2015 (Toronto) e do vice-campeonato na Copa do Mundo de 2007 na China, do aumento de número de atletas em relação às décadas passadas, de um maior número de clubes com times e departamentos de futebol feminino, de campeonatos mais estruturados, ainda temos muito o que melhorar para chegarmos a um nível de estrutura desejável, de condições de praticar o esporte em um patamar realmente profissional.

### 3.2 MULHERES NO COMANDO

Para ser treinadora de uma equipe esportiva, independente do esporte algumas qualidades são necessárias, como carisma, conhecimento de organização, de administração, pedagogia, de gestão de recursos, persistência e sensibilidade para lidar com os atletas e a direção do clube. O fato de ter sido atleta da modalidade em que se pretende atuar também influencia, pois ajuda a ter uma maior compressão do esporte, unindo a parte teórica com a prática. As exigências e pressão que acometem o cargo são grandes, onde muitas vezes a treinadora é a primeira a ser responsabilizada pelos resultados obtidos. (MARQUES, 2001) (FERREIRA et al. 2015)

As mulheres têm equiparado seu número de participantes competidoras em relação ao número de homens competidores em grandes eventos, como as Olimpíadas, onde, por exemplo, na edição de Londres em 2012 elas representavam,

segundo informou o Comitê Olímpico Internacional (COI), 44% dos atletas participantes, num total de 4.676, sendo que pela primeira vez elas participariam de todas as modalidades olímpicas. Os EUA foram inclusive com uma delegação que contava com um número de 7 mulheres a mais do que homens (268 - 261). (olimpiadas.uol.com)

Mas quando falamos da sua participação em funções de comando esportivo, como treinadoras, auxiliares técnicas, coordenadoras, chefes, entre outros cargos, essa participação ainda é baixa. O COI havia estabelecido que até o ano de 2005 20% dos cargos de liderança e administração, nos comitês nacionais e federações, deveria ser ocupado por mulheres. Essa meta não foi atingida em todas as organizações, 27 tinham 30% ou mais dos cargos executivos ocupados por mulheres, 62 tinha menos de 20% de mulheres nos cargos executivos e 10 ainda não tinham nenhuma mulher. (COI, 2014)

No Brasil esse número baixa, sendo que as mulheres representam apenas 14% das pessoas em cargos de gestão em órgãos esportivos, como os Comitês Olímpico e Paraolímpico Brasileiro e o Ministério do Esporte, e quando se fala delas ocupando o cargo de presidente de federações esportivas esse número cai para 7%. (MOURÃO & GOMES, 2004). Esses dados possuem mais de 10 anos, estando, portanto, defasados, não sendo localizada uma informação mais atualizada da quantidade de mulheres nesses cargos. A sub-representação de um grupo com proporção inferior a 15% do cargo efetivo é encarada como de status simbólico segundo Kanter (1993) apud Ferreira et al., (2015)

Segundo Gomes (2008) nos países que possuem de alguma maneira políticas de ações afirmativas direcionadas à participação das mulheres na gestão esportiva, o número de mulheres envolvidas é maior. Algo que não acontece no Brasil, mesmo com a recomendação do COI.

No estado do Rio de Janeiro, em 9 grandes clubes, que contam com centenas de técnicos atuando, somente 34 são mulheres, onde 22 delas atuam nas categorias de base, segundo estudo de Souza de Oliveira (2002). Nas universidades dos EUA, por exemplo, no ano de 2014, a quantidade de mulheres como técnicas de equipes femininas era de 43,4%, já como treinadoras de equipes masculinas era de entre 2 e 3,5%. (ACOSTA & CARPENTER, 2014).

O estudo realizado por Ferreira et al.(2013), com 259 federações esportivas de 22 modalidades no Brasil, mostrou que apenas 7% dos técnicos esportivos são

mulheres e do total das federações pesquisadas, 71,4% não tinham mulheres registradas como técnicas, ou seja elas possuem 100% de homens filiados como técnicos.

Nesse mesmo estudo, os autores afirmam que nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, (2011) das seleções brasileiras de 39 esportes, somente 12 possuíam mulheres como treinadoras. Eram 16 treinadoras, nos esportes de ginástica de trampolim, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica aeróbica, patinação artística, nado sincronizado, saltos ornamentais, squash, judô, taekwondo, vôlei de praia e atletismo. Esportes em sua maioria que possuem mais provas individuais do que coletivas e também daqueles ditos adequados às mulheres. Dessas 16 treinadoras, 6 eram do nado sincronizado e da ginástica rítmica, esportes exclusivamente femininos.

A participação feminina na administração esportiva além de pequena é de baixo “poder”, pois elas estão principalmente em cargos intermediários e subordinadas aos homens. O que acaba fazendo com que a quantidade de mulheres disponíveis para serem tutoras seja baixo, o que segundo Kamphoff, Armentrout e Driska (2010) (apud Ferreira et al., 2015) é essencial para uma treinadora jovem crescer na carreira. Essa restrição da rede de tutores para as mulheres acaba contribuindo para o predomínio dos homens nesse ramo profissional. (MOURÃO & GOMES, 2004)

Kanter (1993) (apud Ferreira et al., 2015) traz que quando da contratação tendemos a realizar a “reprodução homóloga”, ou seja contratamos similares a nós, portanto com a decisão sendo realizada por dirigentes homens eles tendem a contratar homens, fazendo com que a entrada de mulheres seja mais complicada, transformando a profissão de treinador num reduto masculino.

Para as treinadoras do estudo de Silva et al (2017), o esporte masculino será sempre mais valorizado do que o feminino, e têm intrínseco nelas que precisam ser muito melhores dos que os treinadores homens, que trabalham no mesmo nível, para reconhecerem que seu trabalho foi igualmente valorizado.

Gomes (2008) traz no seu livro que a inserção da mulher na gestão esportiva no Brasil ocorreu pela conciliação, sem grandes lutas e embates, pois, o processo de visibilidade da mulher no esporte foi talvez com o intuito de se adequar ao já estabelecido, e não de mudar a condição delas nessa área, não tendo ocorrido um movimento feminista em favor da equalização de gênero.

Em uma pesquisa com 13 treinadoras brasileiras de modalidade variadas, atuantes em esfera estadual, nacional e internacional, Ferreira et al. (2015) apresenta que 12 delas foram atletas e 9 tiveram uma carreira de destaque no esporte de alto rendimento, fazendo a transição para treinadoras ao fim da carreira de atleta. Elas colocaram para os autores que a transição foi um processo natural, que conforme foram chegando ao final da carreira, foram se inserindo em escolinhas para crianças e com o trabalho realizado pelos seus treinadores, tendo também iniciado a cursar Educação Física para regulamentar a sua atuação.

Na mesma pesquisa, três das entrevistadas revelaram que já tinham a intenção de se tornarem treinadoras ao final da carreira de atleta, buscando a formação profissional no curso de Educação Física especificamente para isso. A entrada delas na carreira de treinadoras ocorre por diversos motivos, sendo eles, por convite, iniciativa própria, processo seletivo, falta de profissionais e por preparação prévia para assumir a posição pelo técnico anterior.

O estudo traz que o começo da carreira delas aconteceu nas categorias de base do seu esporte, e conforme iam atingindo objetivos e conquistando títulos, as oportunidades apareciam e elas iam subindo até assumir as equipes principais. O fato de ter tido uma carreira de atleta com destaque se apresenta com um fator importante para que as mulheres recebam convites para fazerem parte de comissões técnicas. (FERREIRA et al. 2015)

Outro dado é trazido por Gomes (2008), onde a autora coloca que em sua grande maioria as mulheres que atuam como treinadoras no Brasil estão nas categorias de base, com um trabalho mais voltado para a formação e atividades recreativas do que para o esporte de alto rendimento.

Para conseguir um emprego, ter experiência na área pretendida para atuação contribui, o mesmo podemos dizer sobre conseguir o de treinadora, quando consideramos a experiência como atleta, pois além da visão diferenciada sobre o esporte, e a vivência nele, isso traz uma maior credibilidade junto aos atletas e à diretoria, assim como também possibilita uma maior rede de contatos no mundo esportivo, contribuindo para um acesso mais fácil ao cargo de treinadora. (FERREIRA et al. 2015)

Treinadoras brasileiras e portuguesas entrevistadas por Silva et al. (2017), apresentam em seus discursos atitudes de acomodação, a partir da anuência à hierarquia de gênero que valoriza os homens. Também nos apresenta a informação



de que as mulheres trabalham nas categorias de base, por conta da incorporação do papel maternal, ainda coloca que características associadas ao masculino como referência para o cargo de treinadora.

Em relação ao relacionamento das treinadoras com os atletas, Ferreira et al. (2015) apresenta que as mulheres se utilizam de estereótipos femininos, como a figura de “mãezona” do time, e também de aspectos da masculinidade, para a imposição de autoridade perante aos atletas. A percepção de que a função de treinador deve ser exercida por homens, faz com que as mulheres alterem seu comportamento, tendo por vezes atitudes mais agressivas.

Essa afirmação é corroborada pelo estudo de Gomes (2008), onde ela também coloca que algumas mulheres alteram seu comportamento para se adequar a algumas especificidades necessárias ao treinamento das equipes, mas sem abrir mão de utilizar representações femininas para o estabelecimento de um vínculo maior com os atletas.

Um fator que vemos praticamente todos os dias quando lemos notícias relacionadas aos esportes é o de resultados positivos importarem para a manutenção de uma pessoa no cargo de treinador, independe de ser homem ou mulher, sendo um pouco mais relevante para as mulheres devido à dúvida sobre a competência feminina. Conforme as vitórias e títulos são conquistados, menor vão se tornando essas dúvidas da capacidade do treinador em comandar a equipe. (FERREIRA et al. 2015)

Gomes (2008) apresenta em seu estudo que as mulheres em cargos de gestão também enfrentam essas desconfianças em relação ao seu trabalho, principalmente entre os gestores, tendo que se provarem competentes todos os dias. Colocando que o fato de ser solteira e não possuir filhos é um elemento facilitador para avançar na carreira.

Numa pesquisa realizada com 50 mulheres treinadoras de esportes coletivos e individuais, sendo 13 brasileiras e 37 portuguesas, Silva et al. (2017) traz dados sobre esse fato, colocando que 68% delas são solteiras ou separadas e que 54% são mães (Brasil 39%). Outro fato interessante que a autora nos apresenta é que todas as brasileiras entrevistadas possuem nível superior, todas graduadas em educação física, já as portuguesas 62% possuem nível superior, sendo que dessas 49% tem formação em educação física.

Para Ferreira et al.(2015), as relações de gênero são determinantes para o surgimento de oportunidades desiguais para homens e mulheres de inserção na carreira de treinador, pois o domínio masculino em cargos de poder e liderança esportiva garante esse reduto, por reduzir a rede de tutores para mulheres. Sendo o aumento do número de mulheres em cargos de liderança no mundo esportivo um fator que pode aumentar a quantidade de treinadoras.

As mulheres sentem certo receio de falar sobre a discriminação sofrida por elas, chegando a se contradizerem, comentando que não sofrem, mas ao mesmo tempo relatando situações de discriminação. A principal é em relação à remuneração recebida pelas treinadoras, onde na sua maioria é baixa ou até mesmo inexistente. Essa situação dificulta e/ou impossibilita a realização de cursos, de atualizações por parte das mulheres, cursos que às vezes são exigidos para se trabalhar em categorias mais altas, em equipes profissionais e campeonatos, limitando a possibilidade de ascensão das mulheres como treinadoras. (SILVA et al. 2017)

Essa baixa remuneração faz com muitas mulheres precisem procurar outras formas de renda, com outros empregos, fazendo com que algumas nem consideram que ser treinadora é um emprego, trazendo mais dificuldades para elas nas suas vidas profissionais e pessoais, gerando um maior desgaste emocional. (FERREIRA et al., 2013)

Essas colocações de que as mulheres muitas vezes não conseguem subir na carreira de treinadora, da baixa representatividade em cargos de chefia na organização do esporte, pode ser observada a partir da teoria denominada “teto de vidro”, que fala que as mulheres ocupam postos inferiores, a partir do qual elas vêm os postos acima através de um teto de vidro, portanto podendo ver a sua linha de evolução profissional, mas não podendo alcançá-la, devido a essa barreira. (GOMES et al, 2012)

A teoria fala sobre uma barreira discriminatória, que separa as mulheres de cargos mais altos no seu ramo de trabalho, e falando especificamente do futebol que separa as mulheres dos times profissionais, onde elas precisariam atravessar essa barreira para ascender ao cargo, ficando elas limitadas às equipes das categorias de base caso não consigam ultrapassá-la.

A expressão que hoje em dia é muito utilizada em estudos de gênero, surgiu no Wall Street Journal em 1985, através do termo americano para a expressão

“glass ceiling”. (ROCHA, 2006). Ela pode ser aplicada em qualquer setor da sociedade, onde vemos que situações semelhantes às ocorridas nos esportes acontecem. Com essa situação ocorrendo, fica evidente que a maioria das mulheres fica limitada a ocupar a base da pirâmide hierárquica, colocando em evidência a exclusão feminina em setores específicos. (FERREIRA et al., 2015)

Essa teoria é abordada em diferentes estudos e sob diferentes perspectivas. No entanto apresentam o mesmo teor: discorrem sobre algo invisível que impede as mulheres de assumirem cargos mais elevados na hierarquia do meio em que elas estão inseridas o que acaba por fazer com que fiquem “presas” aos cargos de menor prestígio, no caso do futebol, atuando, por exemplo, nas categorias de base.

A função/cargo de treinadora pode ser analisada segundo essa mesma teoria, onde a mulher joga futebol, faz parte de uma comissão técnica, mas, muitas vezes, não é indicada para assumir o comando de uma equipe profissional ou de maior destaque. Ainda assim existem várias mulheres que, a despeito das dificuldades, conseguiram quebrar essa barreira e por essa razão são consideradas como exemplos de superação.

### 3.3 QUEBRANDO AS BARREIRAS

Para se trabalhar como treinadora de futebol é necessário se ter muitas qualidades e características, mas segundo a ex-atleta e agora treinadora de futebol Marcia Tafarel é necessário se ter paixão pelo esporte.

*Mas a minha paixão foi o futebol, por isso que eu gosto de trabalhar sendo treinadora. Se a minha paixão não fosse o futebol, eu provavelmente estaria fazendo outra coisa e quando você tem essa paixão, é o que eu falo, você quer fazer diferença, você quer ajudar o máximo que você pode. Então para mim é isso. O esporte, o futebol feminino, pra mim se resume nessa palavra: paixão, amor por aquilo que faz. (MÁRCIA TAFAREL 2015, p.27)*

Ao longo dos anos tivemos mulheres que conseguiram transpor o “teto de vidro” e terem carreiras como treinadoras ou dirigentes em equipes de futebol profissional. No Brasil tivemos alguns exemplos a serem seguidos, como as atuais treinadoras das equipes femininas do Sport Club Internacional e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Tatiele Silveira e Patricia Gusmão.

Algo que essas mulheres têm em comum é o fato de terem sido jogadoras de futebol antes de começarem a trabalhar como treinadoras, algumas delas tendo jogado por seleções nacionais. Muitas inclusive jogaram também futsal, além de outros esportes.

Uma pioneira do futebol feminino no estado do Rio Grande do Sul é a Eduarda Luizelli, conhecida como Duda. Ela começou a jogar na pracinha com os meninos, fez peneira para jogar no Inter com 12/13 anos, passou por outros clubes como o A. C. Milan, da Itália. Quando voltou da Itália queria fazer algo na cidade de Porto Alegre, algo para se sustentar, algo para o resto da vida, visto que jogar não estava pagando as contas, resolve então criar uma escolinha no Internacional, mas sem parar de jogar.

Nós pegamos e: “Bah, vamos fazer a escolinha do Inter”. Fomos falar com, na época se não me engano o presidente era o Amoreti ou o Pedro Paulo Záquia, agora eu não lembro direito. Sentamos: “Vamos fazer, vamos fazer”. Fomos para o primeiro dia de escolinha, em setembro, final de ano, primeiro dia de escolinha tinham duas meninas. “Não vai dar certo...”. Mas foi indo, foi indo, foram nove anos de escolinha do Inter, nós temos cadastradas, se não me engano, quatorze mil meninas, cadastradas na escolinha, que passaram pela escolinha. Menina é 20% (vinte por cento), cada mês que passa, vinte desistem e vinte entram nova. Começou a história na verdade do futebol feminino do Inter, e neste meio tempo, tinha a escolinha e ainda jogava. (Eduarda Luizelli, 2015, p.4)

A sua transição de jogadora para treinadora/dirigente acabou sendo que simultânea, pois, quando começou a dar aulas na escolinha ainda jogava, aponta que por não se conseguir viver de jogar futebol, essa transição é diferente do masculino. Comenta que para ela foi super tranquila a opção de trocar de função, pois, ainda joga hoje em dia para se divertir.

Hoje é coordenadora técnica do futebol feminino do Internacional, além de possuir e coordenar as escolinhas da DUDA, (14 no ano de 2015), fala que apesar de gostar dos seus planos de aula e de ter dado aula no começo da escolinha, não é o que prefere fazer, gosta mesmo é de coordenar. Revela que recebeu convite para treinar uma seleção da base, mas por conta da gravidez e por não gostar de ser treinadora, acabou não assumindo o cargo.

Outra que se destacou em campo antes de virar treinadora/dirigente foi Aline Pellegrino, ela que começou a carreira no time do São Paulo F.C., tendo passagem

por vários clubes, chegando a ser capitã da seleção brasileira. Durante o período em que jogava, já começava a ter a percepção dos treinamentos, do que era interessante se fazer num treino, a pensar no que ela faria se estivesse no comando.

Junto com esse pensamento, a sua formação acadêmica foi lhe auxiliando a ter um conhecimento mais científico do que ocorria nos treinos, do que poderia ser feito, sendo que fazer o curso de Educação Física foi uma realização pessoal.

É o único, acho que assim, o grande sonho que eu tive, que eu coloquei para mim, eu falei: “Puts, isso eu quero fazer e sonhei realmente com isso.” Foi a questão da Educação Física, de ser professora de Educação Física. Eu tive uma Educação Física na escola que era muito legal, tinha aquela questão do professor, das aulas, de campeonatos, então eu tinha uma coisa com a Educação Física que eu gostava muito. (ALINE PELLEGRINO, 2014, p.1)

Como vinha pensando em ser treinadora e em parar de jogar, já vinha se preparando para isso, sabia que a sua experiência em campo iria ser útil quando assumisse como treinadora de alguma equipe. Quando parou sabia que teria que ter um equilíbrio entre a Aline amiga das jogadoras, que tinham sido suas companheiras e a Aline agora treinadora delas, que haveria momentos de descontração e brincadeira, mas também haveria os momentos sérios, de cobrança dela com as atletas.

Foi acumulando experiência ao longo de sua carreira como atleta, inclusive recebendo encorajamento de pessoas para se tornar treinadora quando parasse de jogar, o que a animava cada vez mais em seguir essa carreira, foi convidada a treinar uma equipe enquanto ainda jogava na Rússia. Logo que parou de jogar recebeu um convite oficial para treinar uma equipe de futebol feminino, onde trabalhou por quatro meses como treinadora.

E falo para todo mundo hoje, com maior orgulho que, às vezes, poxa, dezesseis anos de carreira, de atleta e eu acho que esses quatro meses como treinadora, a frente do comando técnico de uma equipe, me trouxe muito mais prazer, muito mais prazer... (ALINE PELLEGRINO, 2014, p.2)

Com o tempo ela percebeu que não conseguiria seguir dando treinos por conta da voz, acabava perdendo a voz se tomasse algo gelado e também por ser uma pessoa que fala muito. Garante que a experiência foi muito gratificante,

principalmente por pegar um time mais limitado tecnicamente e conseguir um resultado positivo no campeonato.

Vendo as possibilidades de evolução do futebol feminino, do fator financeiro como treinadora, do desgaste físico da função, e outros fatores extra campo decidiu deixar de lado o futebol e se dedicar a outras coisas, atuando como corretora imobiliária de 2013 a 2014, durante esse período não abandonou totalmente o futebol, dava aula em uma escolinha, deu palestras e cursos, participou de programas esportivos e atuou como comentarista em jogos da seleção. Em 2016 ela acabou aceitando ser supervisora do time feminino do Corinthians e posteriormente em junho de 2016 assumiu como coordenadora do departamento de futebol feminino da Federação Paulista de Futebol.

A maior dificuldade para ela enquanto trabalhou como treinadora, foi fazer com que a comissão técnica e a diretoria caminhassem na mesma linha, fazer com que a metodologia que ela gostaria de seguir fosse aceita e usada por todos na comissão, que o fato de não conseguir reunir todos os envolvidos para se debater e chegar a um acordo também atrapalhava. Segundo menciona em entrevista concedida ao CEME:

Então acho que a grande dificuldade é isso: você acreditar numa metodologia, tentar colocar isso em prática de alguma forma ou de outra. Da minha parte, eu colocava isso em prática mas você ter a outra turma, o preparador físico, o preparador de goleiro, o diretor, o presidente, que pensam de uma forma diferente por N motivos. Nem todo mundo tem que concordar com tudo e para o futebol feminino você não consegue sentar com essas pessoas e dar a importância que eu dava. (ALINE PELLEGRINO, 2014, p.5)

Atualmente é uma das gestoras mais respeitada da modalidade, sendo considerada pelo Comitê para Desenvolvimento do Futebol Feminino<sup>5</sup> uma das quatro pessoas para compor o Departamento de Futebol Feminino, órgão ainda não criado, mas reivindicado pelas atletas brasileiras, sendo ela indicada para ser a diretora do departamento. As outras indicadas fora Dilma Mendes, Renata Capobianco e Eduarda Luizalli. (ESPN.com)

---

<sup>5</sup> Comitê criado em outubro de 2017 pelo presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, em resposta a solicitação de ex-jogadoras que publicaram uma carta aberta a CBF reivindicando equidade de gênero na entidade considerando cargos técnicos, de administração e gestão. O Comitê é composto por Márcia Tafarel, Silsleide Lima do Amor (Sissi), Miraildes Mita (Formiga), Cristinane Rozeira (Cris), Franciele Alberto, Rosana dos Santos Augusto, Andreia Rosa, Juliana Cabral e Silvana Goellner.

Marcia Tafarel começou a jogar futebol no Rio Grande do Sul, na cidade de Bento Gonçalves, na década de 1980, quando a lei que proibia mulheres de jogar futebol foi revogada. Passou por vários clubes de futebol e de futsal ao longo da carreira, defendendo também a seleção brasileira.

O começo da sua carreira de treinadora de deu enquanto ainda jogava, futsal e futebol. Assumindo as equipes de futsal sub-17 e sub-20 do Sabesp no ano de 1997. Tendo conquistados vários títulos de 1997 a 2003, como o da primeira Taça Brasil Juvenil. Resolveu então ir para os Estados Unidos se encontrar com a amiga Sisleide Lima do Amor (conhecida como Sissi), aprimorar o inglês em função da faculdade de Gerenciamento em Turismo e Hotelaria, e tentar obter uma resposta para o seu questionamento sobre as razões pelas quais o futebol feminino dos EUA dava certo.

Visando aprender para poder ajudar o futebol feminino no Brasil a evoluir acabou ficando no EUA, só que conforme ia vendo como é a valorização do futebol feminino lá, da estrutura que o país possui, começou a se questionar sobre um possível retorno ao Brasil.

“Por que eu quero ir de volta para o Brasil? Para sofrer o preconceito, para não ter o tipo de valorização que a gente tem aqui?” Porque quando você trabalha com futebol feminino no Brasil, é muito limitado o que você pode fazer, não tem muitas organizações que te abram a porta pra você dizer: Eu quero chegar a esse nível. Eu quero ser treinadora de Seleção! (MARCIA TAFAREL, 2015, p.22)

Nos Estados Unidos ela tem a possibilidade de crescer na profissão, pode trabalhar em clubes, nas *high school* (algo equivalente as escolas de ensino médio no Brasil), nas *junior college* (uma das formas de universidade), nas universidades de elite ou em equipes profissionais. Tudo depende do nível em que você quer trabalhar e do seu desempenho na função anterior. Existe também a possibilidade de se trabalhar como *personal soccer*, que seria um treinador de futebol para treinamentos individualizados, como um *personal trainer*, algo que ela fez enquanto estava com visto de turista e não podia trabalhar em outros locais.

Hoje ela mora e trabalha nos Estados Unidos, trabalho em tempo integral como treinadora de duas organizações, para crianças e jovens: a Community Youh

Center e Walnut Creek Soccer Club. Foi auxiliar pontual na seleção brasileira de futebol feminino no ano de 2015.

Outro exemplo de uma mulher que fez sucesso como jogadora de futebol e depois passou a trabalhar fora de campo é Daniela Alves. Desde pequena jogou futebol, teve passagens por vários clubes como a Associação Portuguesa de Desporto, Saad Esporte Clube, jogou nos EUA e na Suécia também. Chegou à seleção principal com apenas 15 anos, em 1999, onde na época não existia uma seleção sub-17 ou sub-20.

Parou de jogar devido às lesões, por não querer mais ficar fazendo cirurgia e fisioterapia, acabou ficando com isso um tempo sem fazer nada de esportes, nem acompanhava notícias sobre o futebol feminino. No ano de 2016 assumiu como auxiliar técnica a seleção brasileira de futebol feminino sub-20, participando com a equipe da Copa do Mundo Papua-Nova Guiné.

Sisleide Lima do Amor, ou apenas Sissi, começou a jogar com 7 anos de idade, com o pai e o irmão. Passou por diversos clubes como o Grêmio FootBall Clube, Sabesp e Verona, jogou também na seleção brasileira. Vai para os EUA, em 2001 jogar futebol no San Jose Cyber Rays e por lá acaba ficando.

Durante o período em que jogava no California Storm, foi convidada para ser assistente técnica no time sub-16 do Diablo Valley Soccer Club, sendo essa a sua primeira experiência como treinadora, ficando por lá 8 anos. Passou por outros times, ficando dez anos no Las Positas, primeiro como assistente técnica, depois como treinadora. Hoje trabalha como assistente técnica no Solano College.

Uma goleira que também ultrapassou essa barreira invisível foi Marlisa Wahlbrink, conhecida como Maravilha. Ela começou a jogar no Cruzeiro Sport Clube de Porto Alegre, jogou no São Paulo Futebol Clube e na seleção brasileira de 1995 a 2008, ficando de fora de algumas convocações nesse período, por lesões e escolha dos treinadores.

Trabalhou numa universidade dos Estados Unidos como treinadora de goleiros do time feminino e do time masculino do final de 2006 ao final de 2007. Atualmente é contratada no município de Maravilha para trabalhar com treinamento de goleiros, tendo inclusive já revelado goleiros para clubes de expressão no Brasil. Trabalha com meninos de varias idades, sendo isso um fator bem exigente para ela, por ter que saber o quanto pode forçar em força, velocidade, pois para cada categoria tem que ser um tipo de trabalho.



Atualmente os dois grandes times do estado do Rio Grande do Sul voltaram a ter times femininos, visando se enquadrar nas novas exigências da CBF e da CONMEBOL e tanto o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense são comandados por mulheres.

O Internacional é comandado por Tatiele Silveira, uma ex-atleta do clube, que formada em Educação Física, já foi estagiária nas escolinhas do time, trabalhou com escolinhas licenciadas do Grêmio e nos EUA, com times sub-15 femininos e sub-13 masculinos.

O time do Grêmio é comandado por Patrícia Gusmão, também ex-atleta do Internacional e também formada em Educação Física, já trabalhou no time do Grêmio Esportivo Onze Unidos, trabalhou em algumas escolinhas, mas prefere trabalhar com o alto rendimento. Parou de jogar por conta das lesões, como surgiu a oportunidade de comandar uma equipe resolveu ver como se sairia nessa função.

Tem uma opinião sobre o motivo do futebol feminino não ir para frente:

Só que uma coisa que eu vejo assim, que acho que o futebol não vai mais pra frente, porque quem organiza o futebol, quem é o treinador, o preparador físico lá, eles não tem a... Eles não têm uma estrutura. Geralmente assim é o cara que gosta de futebol, não estudou para aquilo, mas que vive futebol e acha que serve como treinador daquela equipe, sabe? Daí começa a passar um monte de coisa que “nada a ver” para as meninas, e daí elas já aprendem aquilo ali, já começa errado. (PATRÍCIA GUSMÃO, 2014, p.14)

No dia 1 de outubro de 2016 um feito histórico aconteceu, uma mulher assumiu pela primeira vez a seleção brasileira de futebol feminino, Emily Alves da Cunha Lima, ou como é conhecida Emily Lima, foi a autora de fato, mostrando que uma mulher pode chagar longe nesse meio.

Ela jogou em vários clubes como o Saad-SP, São Paulo F.C. e o Estudantes de Huelva, da Espanha e Napoli, da Itália. Chegou a defender a seleção brasileira sub-17 e a fazer parte do grupo da seleção principal, durante um período de preparação para as olimpíadas de 2004, mas não indo para a competição. Acabou se naturalizando portuguesa, e jogando na seleção de Portugal.

Devido à valorização profissional que vivenciou na Europa, resolveu seguir no futebol, fora do gramado, fazendo alguns cursos lá de treinadora. Possuía a ideia de ser gestora quando retornou ao Brasil e não treinadora. Tendo trabalhando como auxiliar técnica e supervisora na Portuguesa Paulista.

Através do irmão, assumiu a equipe de futebol feminino do Juventus de São Paulo, trabalhando lá de 2011 até 2013, ano que foi ser treinadora das seleções femininas sub-15 e sub-17 do Brasil. Tendo enfrentado um pouco de desconfiança no seu trabalho antes mesmo de começar. Ficou na CBF até 2015 quando assumiu a equipe do São José Esporte Clube.

Em 22 de setembro de 2017 Emily foi demitida do cargo de treinadora da seleção brasileira, ficando apenas 9 meses no cargo. Durante seu período com a seleção disputou 13 partidas, tendo um aproveitamento de 56,4%, tendo conseguido 7 vitórias consecutivas no começo do seu trabalho.

O problema, segundo a CBF, foram os resultados dos seus últimos 6 jogos que atuou, onde teve 5 derrotas, para Alemanha, EUA e Austrália e um empate. O fato de as seleções desses confrontos estarem na frente do Brasil no ranking da FIFA, não contribuiu para minimizar os resultados.

Com a confirmação da sua demissão Emily Lima deu entrevista ao espnW e nela colocou que não recebia o respaldo do coordenador da seleção, o senhor Marco Aurélio Cunha. (espn.uol.com.br)

Eu já imaginava que isso fosse acontecer. Não pelos resultados em si, como alegaram, mas pela falta de respaldo da coordenação técnica. Num tive esse respaldo do Marco Aurélio. Já entrei com ele contra mim. Então, foi complicado. Busquei resultados do Vadão ... foram vários negativos...3 a 0...4 a 0... mas no caso dele, isso nunca importou (EMILY LIMA, 2017)<sup>6</sup>

Com isso chegou ao fim o trabalho da primeira mulher a comandar a seleção, sendo ela substituída pelo antigo treinador, um homem, o mesmo que ela tinha entrado no lugar, Oswaldo Fumeiro Alvarez, mais conhecido como Vadão.

---

<sup>6</sup> [http://espn.uol.com.br/noticia/729160\\_emily-lima-e-demitida-da-selecao-e-detona-marco-aurelio-cunha-nunca-tive-respaldo-dizia-que-trabalhar-demaís-e-errado](http://espn.uol.com.br/noticia/729160_emily-lima-e-demitida-da-selecao-e-detona-marco-aurelio-cunha-nunca-tive-respaldo-dizia-que-trabalhar-demaís-e-errado)

## 4 DISCUSSÃO

A transição de atleta a treinadora acontece de forma natural, onde a maioria das mulheres se prepara para isso, conforme foram percebendo o fim da sua carreira, foram se envolvendo com o trabalho dos seus treinadores, como auxiliares e se inserindo em clubes esportivos, nas categorias de base, obtendo experiência para quando parassem de praticar o esporte. (FERREIRA et al. 2015)

Podemos constatar que o fato de ter sido atleta da modalidade em que se pretender virar treinadora é um fator que contribui para uma inserção mais fácil e para um maior sucesso no cargo. Também constatamos que as mulheres em sua grande maioria buscam fazer cursos de treinadoras e também faculdade de educação física.

O futebol feminino sofre com problemas e preconceitos desde o seu início, sendo inclusive as mulheres proibidas de praticar o esporte na década de 70, enquanto vigorava o decreto do Conselho Nacional de Desportos. O medo era de que a prática do futebol, assim como de outros esportes, pudesse desonrar as mulheres. Elas se mostraram fortes e capazes de obter sucesso nestas práticas, contrariando as leis da natureza, onde a mulher deveria ser o sexo frágil e o homem sempre mais forte e capaz. (GOELLNER, 2005)

O preconceito enfrentado pelas mulheres que jogam futebol vem desde o começo da prática dele por elas, onde o ele é visto como “coisa de homem”, que o fato de a mulher querer se envolver com ele era uma invasão do espaço masculino, um abandono de suas “funções naturais” e um risco a sua saúde. (FRANZINI, 2005)

A questão do “teto de vidro”, com as suas barreiras invisíveis acaba fazendo com que mulheres acabem desistindo de entrar e de continuar na carreira de treinadora, principalmente pela falta de perspectiva de crescer na carreira.

A conquista do espaço esportivo por parte das mulheres pode ser considerada apenas parcial, quando consideramos a quantidade de mulheres no comando esportivo, onde o número de homens nesse setor ainda é consideravelmente maior. Para uma mulher se inserir nesse ramo e conseguir progredir na carreira, esbarra em muitos obstáculos, como o preconceito e os baixos salários. (FERREIRA et al., 2013)

A dificuldade de uma mulher conseguir jogar futebol e de ser possível se sustentar dele, acaba por vezes sendo maior para aquelas que querem trabalhar como treinadoras, serem membros de comissões técnicas, dirigentes. Nos estudos de Mourão & Gomes (2004), Acosta & Carpenter (2012), Ferreira et al.(2013), Souza de Oliveira (2002), assim como nos dados divulgados pelo Comitê Olímpico Internacional (2014), podemos ver a baixa participação das mulheres nesses cargos.

Mourão & Gomes (2014) coloca que isso ocorre pelo fato de que como existe um baixo número de mulheres nesses cargos, acaba ocorrendo uma restrição da rede de tutores para as mulheres, o que contribui para o predomínio dos homens nesse meio.

Acosta & Carpenter (2012) corroboram com essa informação, falando que com um baixo número de mulheres em cargos administrativos, de tomada de decisão em relação a contratações, um menor número de mulheres é contratada para o cargo de treinadora, assim como o contrário acontece, tendo essas quantidades uma relação estreita.

Kanter (1993) (apud Ferreira et al., 2013) traz algo semelhante a isso, onde nos apresenta que esses problemas vêm da estrutura do sistema e não são individuais. Ela coloca que existem três dimensões que podem explicar as diferenças experimentadas entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, que denomina como oportunidade, poder e proporção.

Sendo oportunidade, exatamente o que significa a palavra, as expectativas e perspectivas para futuras oportunidades e ascensão na carreira. Poder é a capacidade de a pessoa trabalhar eficientemente dentro dos limites do sistema, sendo afetada pela visibilidade e a relevância da função. A proporção é a quantidade de pessoas com características semelhantes dentro de um grupo. Agindo essas três dimensões em conjunto, onde uma alimenta a outra, gerando vantagens para o grupo dominante e desvantagens para a minoria.

Esses estudos nos mostram que isso é um ciclo vicioso, que para termos mais mulheres como treinadoras, precisamos ter mais mulheres em cargos que possuem poder para contratar, mas para se ter mais mulheres nesses cargos, precisamos de mais mulheres em esferas acima. Onde a maneira de começar a quebrar esse ciclo é homens começarem a contratar mulheres e não só os seus semelhantes.

O Comitê Olímpico Internacional colocou metas para a quantidade de mulheres em cargos de liderança e administração nos comitês nacionais e nas federações, mas isso não foi suficiente para o aumento desse número, sendo que somente em 27 dessas instituições tinha 30% ou mais de mulheres ocupando cargos de liderança.

No seu estudo Ferreira et al. (2013) colocou que na delegação brasileira dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara das seleções brasileiras que tinham mulheres como treinadoras eram em modalidades consideradas adequadas às mulheres, como ginástica artística e patinação artística e em modalidades exclusivamente praticada por mulheres, como ginástica rítmica e nado sincronizado. No futebol não se tinha nenhuma mulher nas suas comissões técnicas.

Outro ponto colocado nos estudos de GOMES (2008), FERREIRA et al. (2013), SILVA et al. (2017), FERREIRA et al. (2015) é de que a maioria das mulheres em cargos de gestão esportiva e de treinadoras são solteiras e não possuem filhos, e de que muitas acabam abandonando a carreira ao casarem e terem filho, por ainda serem as responsáveis pelo trabalho doméstico.

A imagem das mulheres ainda é relacionada aos cuidados do lar e da família, o que acaba fazendo com que o fato de serem solteiras e não terem filhos apareça como um elemento facilitador para a ascensão das mulheres na carreira. (GOMES, 2008)

O fato de alguns clubes e federações funcionarem na base da família, onde é necessário ser parte desse grupo para se conseguir ingressar no meio, também dificulta o ingresso das mulheres, pois, não é levado em conta a sua competência e sim a sua afiliação. (GOMES, 2008)

A necessidade de se ter um tutor para se começar na carreira e também ascender nela, aparece nesse mesmo sentido, demonstrando que dificilmente você conseguirá entrar nesse meio sem alguma indicação, sem alguém para lhe auxiliar no começo.

No campeonato brasileiro seria A1 de 2017, participaram 16 equipes, algumas equipes participaram em parcerias com outros clubes, com clubes de futebol masculino, que “emprestaram” a camisa, com universidades. Dessas equipes apenas 2 eram comandadas por mulheres, a A.A. Ponte Preta – SP, e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense – RS. (sites das equipes, brasileiraocaixa.com e globoesporte.com)

Num campeonato de futebol feminino era de se esperar que um maior número de mulheres estivesse atuando como treinadoras, ou mesmo como membros das comissões técnicas, algo que não acontece, onde algumas equipes não contavam com nenhuma mulher, seja como auxiliar, preparadora física, treinadora de goleiras, fisioterapeuta.

Esses fatos nos trazem que a participação feminina como treinadoras ainda é baixa no Brasil, apesar de temos mulheres competentes para assumir os cargos, eles acabam sendo dados a homens, ou quando uma mulher assumiu, ela tem pouco tempo para mostrar o seu trabalho, um tempo mais curto do que um homem teria/tem na função.

Nas seleções brasileiras de futebol vemos isso, onde o treinador Carlos Caetano Bledorn Verri, conhecido como Dunga, na sua primeira passagem não passou das oitavas de final na Copa do Mundo de 2010, portanto, não tendo um resultado muito positivo, foi chamado de volta em 2014, e precisou cair nas quartas de final na Copa América de 2015, estar em 6º lugar nas eliminatórias da Copa do Mundo de 2018 e cair na fase de grupos da Copa América Centenária em 2016 para ser demitido do cargo, enquanto para a demissão de Emily Lima foram necessários apenas perder 5 jogos, todos contra seleções melhores colocadas no ranking da FIFA, onde ela não ficou nem um ano no cargo.

No Brasil ainda existe um certo preconceito em relação à mulher como treinadora, as pessoas ainda possuem a percepção de que uma mulher não tem capacidade para a função, que colocar um homem é mais adequado. (FERREIRA et al., 2013)

A forma de considerar se uma treinadora é competente em seu trabalho é quase que exclusivamente pelo número de vitórias e títulos conquistados durante seu período no time. Isso também é levado em conta para uma ascensão na carreira. (Ferreira et al., 2015). Derrotas para clubes de grande rivalidade também acabam contribuindo para uma avaliação negativa do seu trabalho.

A pressão e as exigências sofridas pelas treinadoras são grandes, onde quanto maior e mais importante o cargo, menor é tempo de “paciência” dos gestores e dos torcedores para que o time consiga resultados positivos, onde na grande maioria das vezes a treinadora é responsabilizada pelos resultados negativos. (MARQUES, 2001) (FERREIRA et al. 2015)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ex-atletas analisadas nesse trabalho tiveram uma transição tranquila e natural para a função de treinadora, tendo se preparado para isso durante suas carreiras como jogadoras de futebol. O fato de terem sido atletas ajudou elas com o conhecimento sobre o esporte e as suas nuances, a ampliar sua rede de contatos, fatores que auxiliam elas na função de treinadora.

Terem mulheres que conseguiram romper a barreira invisível, que as separa dos cargos mais “altos”, mais “importantes”, é essencial para que mais mulheres possam seguir esse caminho, ter alguém para se espelhar, saber que é possível se chegar lá contribui para que possamos ter cada vez mais mulheres atuam como treinadoras.

O fato de termos muitos discursos para o “bem” do futebol feminino, para o seu crescimento, como o do antigo presidente da FIFA Joseph Blatter, de que por volta de 2010 o futebol feminino seria tão importante quanto o masculino, não parece ter contribuído muito para essa evolução. Devemos reconhecer que muito foi feito, como a criação das copas do mundo sub-17 e sub-20, o registro das atletas, fazendo com que os clubes tenham lucro ao “vendê-las” para outro clube, também ajudando com isso a aumentar o número de mulheres com contratos profissionais.

O fato de a nossa seleção brasileira ter obtido sucessos em competições, não tem contribuído muito para a melhora do esporte no Brasil, esse ano tivemos a criação de um campeonato brasileiro, com duas divisões, mas perdemos a copa do Brasil. A ideia é de que com mais campeonatos e times, as oportunidades para mulheres se tornarem treinadoras vão aumentar também, visto que é mais “fácil” de se conseguir o cargo num time feminino do que num masculino.

Gostaríamos que uma mulher voltasse a comandar a seleção feminina, que a Emily Lima não tenha sido a primeira e a última. Que todos os clubes que possuem times masculinos de futebol um dia também tenham times femininos, e que esses times tenham o mesmo apoio que os masculinos, e que de preferência todos eles comandados por mulheres.

As mulheres com vivência de atleta antes de virarem treinadoras acabam tendo uma vantagem sobre as que nunca foram atletas, assim como o fato de terem

obtido sucesso nessa carreira também contribui para o seu sucesso na função de treinadora.

Necessitamos de um maior número de mulheres em cargos com poder de contratação, para consequentemente termos um maior número de mulheres trabalhando como treinadoras. Assim como a diminuição das dúvidas em relação a competência da mulher nesse cargo.

Acredito que a evolução do futebol feminino e por consequência a maior participação feminina nas comissões técnicas, irá ocorrer quando ele começar a ser tratado da mesma forma que o masculino, com mais investimentos, maior cobertura da mídia, com incentivos e apoio das federações estaduais juntamente com a CBF.

Muitas coisas ainda precisam ser feitas para que as mulheres possuam um maior espaço e que mais pretendam seguir a função de treinadora, como uma maior aceitação por parte dos dirigentes e até mesmo dos torcedores, da capacidade delas na função. Uma maior remuneração para o cargo, uma maior estabilidade, sem ter que se provar duas vezes mais que um treinador homem.



## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Linda Jean. **Women in Intercollegiate Sport: A Longitudinal, National Study Thirty-Seven Year Update**. 2014
- ALVES, Daniela. **Projeto Garimpando Memórias**. Luciana Castro e Edson Lima. Museu do Futebol – São Paulo. 26 de setembro de 2015. CEME
- AMOR, Sisleide Lima. **Projeto Garimpando Memórias**. Silvana Vilodre Goellner. Residência da entrevistada, Concord (EUA). 27 de novembro de 2015. CEME
- CEVA, Antonia, et. al. **Mulheres em campo driblando preconceitos**. Rev. do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília, 2014, Ano IV, número 6, p.19-24.
- CORRÊA, Vanisse Simone Alves; SOUZA, Ângelo Ricardo. **Gestão escolar e Gênero: O fenômeno do teto de vidro na educação brasileira**. Jornal de Políticas Educacionais. N° 7 | Janeiro–junho DE 2010 | PP. 65–67
- DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica**. Rev. Motriz
- FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. **Futebol, questões de gênero e co-educação**. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.2, 1995, p. 17-39
- FERREIRA, Heidi Jancer et al. **A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Rev. Moviment. Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, jul/set de 2013.
- FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo do Carmo; MOURÃO, Ludimila. **Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil**. Rev. Educação Física/UEM. V. 26, n. 1, p. 21-29, 1 trim. 2015.
- FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Rev. Brasileira de História. São Paulo, 2005, v. 25, nº 50, p. 315-328.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **As mulheres, o esporte e o direito de ser**. Rev. do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília, 2014, Ano IV, número 6, p.15-18.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. Rev. Pensar a Prática. 2005, v.8, n.1, p.85-100.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios**. Rev. do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília, 2012, Ano II, número 4, p .

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, 2005, v.19, n.2, p.143-51.

GOMES, Euza Maria de Paiva. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

GUSMÃO, Patrícia Regina. **Projeto Garimpando Memórias**. Suellen dos Santos Ramos. Cachoeirinha, 06 de setembro de 2014. CEME

JORAS, Pamela Siqueira. **Futebol e mulheres no brasil: A história de vida de Aline Pellegrino**. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

KNIJNIK, Jorge Dorfman e VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil**. capítulo do livro **Com a cabeça na ponta da chuteira-ensaios sobre a psicologia do esporte**. São paulo, 2003. annablume/ceppe.

LIMA, Emily Alves da Cunha. **Projeto Garimpando Memórias**. Luciane Castro. Museu do Futebol – São Paulo. 14 de março de 2015. CEME

LUIZELLI, Eduarda Marranghelo. **Projeto Garimpando Memórias**. Eduardo Klein Carmona e Thainele de Loreto Treichel. Casa da entrevistada - Porto Alegre. 15 de outubro de 2009. CEME

LUIZELLI, Eduarda Marranghelo. **Projeto Garimpando Memórias**. Suellen dos Santos Ramos e Ayllu Duarte Acosta. Porto Alegre. 15 de Abril de 2015. CEME

MARQUES, A. **As profissões do desporto: o treinador**. Revista Treino Desportivo, Lisboa, v. 13, p. 4-8, Mar. 2001.

MAZZONI, Thomaz. **Historia do Futebol no Brasil**. São Paulo: Leia, 1950, p.289.

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria. **Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso**. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 305-317.

OLIVEIRA, Gabriela Aragão Souza. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, 2002.

PELLEGRINO, Aline. **Projeto Garimpando Memórias**. Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre. Aeroporto Salgado Filho. 28 de novembro de 2013. CEME.

PELLEGRINO, Aline. **Projeto Garimpando Memórias**. Pamela Siqueira Joras. Hotel Plaza São Rafael – Porto Alegre. 03 de setembro de 2014. CEME

PELLEGRINO, Aline. **Projeto Garimpando Memórias**. Pamela Siqueira Joras. CEME, via ligação telefônica. 23 de junho de 2015. CEME

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e mulheres no rio grande do sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (duda)**. 157 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

ROCHA, Cristina. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro? (Novos contextos da tecnociência)**. 258 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RODRIGUES, Daiana Meneses. **Depoimento**. Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin. Centro Olímpico - São Paulo. Maio de 2014. CEME

RODRIGUES, Daiana Meneses. **Projeto Garimpando Memórias**. Luciane Castro. Museu do Futebol - São Paulo. 25 de abril de 2015. CEME

RUBIO, Kátia e SIMÕES, Antônio Carlos. **De espectadoras a protagonistas. A conquista do espaço esportivo pelas mulheres**. Rev. Movimento. Porto Alegre, 1999. Ano V, n.11, p. 50-56.

SALVINE, Leila; JÚNIOR MARCHI, Wanderley. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro**. Rev. Brasileira Educação Física Esporte, (São Paulo) 2016 Abr-Jun; 30(2):303-11

SILVA, Paula et al. **Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras brasileiras e portuguesas**. Rev Bras Ciênc Esporte. 2017

SILVEIRA, Tatiele dos Santos. **Projeto Garimpando Memórias**. Pamela Siqueira Joras. Centro de Memória do Esporte. 17 de março de 2014. CEME

TAFAREL, Márcia. **Projeto Garimpando Memórias**. Silvana Vilodre Goellner. Residência da entrevistada. Concord (EUA). 27 de novembro de 2015. CEME

VAZ, Daniela Verzola. **O teto de vidro nas organizações públicas: evidências para o Brasil**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 22, n. 3 (49), p. 765-790, dez. 2013.

WAHLBRINK, Marlisa. **Projeto Garimpando Memórias**. Pamela Siqueira Joras e Luiza Aguiar dos Anjos. Hotel Plaza São Rafael – Porto Alegre. 04 de setembro de 2014. CEME

WITTER, José Sebastião. **Breve História do Futebol Brasileiro**. São Paulo: FTD, 1996, p.21.

Gran Censo 2006. **265 Milhões jogam futebol**. FIFA Magazine. 2006, p.10-15.

Fédération Internationale de Football Association. **Who we are**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/the-game/index.html>> (acesso em 15 de outubro 2017).

Confederação Brasileira de Futebol. **Futebol feminino funcionará pelo TMS**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/futebol-feminino-funcionara-pelo-tms?ref=latest4#.WgnUXLOnHIW>> (acesso em 08 de novembro 2017).

Confederação Brasileira de Futebol. **Raio X do futebol**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.WgrValanHIU>> (acesso em 15 de outubro de 2017).

Confederação Brasileira de Futebol. **Brasileiro Feminino**. Disponível em: [https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-feminino#.WjM5f\\_CnHIU](https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-feminino#.WjM5f_CnHIU) (acesso em 14 de novembro de 2017).

Confederação Sul-Americana de Futebol. **Regulamentos Gerais**. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/pt-br/reglamentos-generales/reglamento-licencias-de-clubes>> (acesso em 08 de novembro 2017).

Ludopedio. **Futebol Feminino, O “Fenômeno” Emily Lima**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada-categoria/futebol-feminino/> (acesso em 30 de outubro de 2017)

Factsheet London 2012 Facts & Figures. Disponível em: <[http://www.olympic.org/Documents/Reference\\_documents\\_Factsheets/London-2012-Fact-Sheet-in-track-FINAL-qc-V3-One-year-on-qc.pdf](http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/London-2012-Fact-Sheet-in-track-FINAL-qc-V3-One-year-on-qc.pdf)>. (acesso em 25 de novembro 2017).

Uol Esporte. **Frase de Marco Aurélio Cunha sobre futebol feminino gera polêmica: sexista?**. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/06/15frase-de-marco-aurelio-cunha-sobre-futebol-feminino-gera-polemica-sexista.htm>> (acesso em 16 de dezembro de 2017).